

NOTAS METODOLÓGICAS SOBRE A INTERPRETAÇÃO FENOMENOLÓGICA DA VIDA COTIDIANA AO OLHAR DE ALFRED SCHUTZ

METHODOLOGICAL NOTES ON THE PHENOMENOLOGICAL INTERPRETATION OF EVERYDAY LIFE FROM THE PERSPECTIVE OF ALFRED SCHUTZ

NOTAS METODOLÓGICAS SOBRE LA INTERPRETACIÓN FENOMENOLÓGICA DE LA VIDA COTIDIANA A LA VISTA DE ALFRED SCHUTZ

Alexandre Paz Almeida

Graduação em Ciências Sociais (UFPB), Mestrado e Doutorado em Sociologia (UFPB) e Professor Adjunto da UESPI (Universidade Estadual do Piauí).

E-mail: alex pazalmeida@phb.uespi.br

RESUMO

Este artigo discute algumas considerações metodológicas sobre as ciências sociais da vida cotidiana. É sobretudo através da ótica de Alfred Schutz e seu pioneirismo epistemológico sobre o fluxo da vida corriqueira e do senso comum que pretendemos fazer uma análise comparativa com autores das ciências sociais e demais pensadores que direta e indiretamente analisam o cotidiano enquanto estrutura simbólica e fenomenológica da realidade social. Partimos de uma ideia que as ciências sociais, a partir do olhar fenomenológico de Alfred Schutz, estruturaram uma metodologia inovadora sobre os processos da intersubjetividade social e cultural, tornando possível uma compreensão mais fecunda aos processos de análises das subjetividades entre as noções de indivíduo e sociedade, bem como os significados e signos produzidos por atores sociais segundo sua trajetória biográfica que, para Alfred Schutz, representa uma condição metodológica essencial no entendimento da vida cotidiana em ciências sociais e humanas.

Palavras-chave: Alfred Schutz, vida cotidiana, intersubjetividades.

ABSTRACT

This article discusses methodological considerations about the social sciences of everyday life. It is through the work of Alfred Schutz and his epistemological pioneerism in everyday life and common sense that we make a comparative analysis with authors from the social sciences and thinkers who study everyday life directly and indirectly as a symbolic and phenomenological structure of social reality. We understand that the social sciences, from the phenomenological perspective of Alfred Schutz, have developed an innovative methodology on the processes of social and cultural intersubjectivity, making possible a more fruitful understanding of the processes of analysis of subjectivities between the notions of individual and society, as well as the meanings and signs produced by social actors according to their biographical trajectory, which, for Alfred Schutz, represents an essential methodological condition in the understanding of everyday life in the social and human sciences.

Keywords: Alfred Schutz, everyday life, intersubjectivity.

RESUMEN

Este artículo analiza algunas consideraciones metodológicas sobre las ciencias sociales de la vida cotidiana. Es principalmente a través de la perspectiva de Alfred Schutz y su pionero epistemológico sobre el fluir de la vida ordinaria y el sentido común que pretendemos hacer un análisis comparativo con autores de las ciencias sociales y otros pensadores que analizan directa e indirectamente la vida cotidiana como un símbolo. y estructura fenomenológica de la realidad social. Partimos de la idea de que las ciencias sociales, desde la perspectiva fenomenológica de Alfred Schutz, estructuraron una metodología innovadora sobre los procesos de intersubjetividad social y cultural, posibilitando una comprensión más fructífera de los procesos de análisis de subjetividades entre las nociones de individuo y sociedad, así como los significados y signos producidos por los actores sociales según su trayectoria biográfica, lo que, para Alfred Schutz, representa una condición metodológica esencial en la comprensión de la vida cotidiana en las ciencias sociales y las humanidades.

Palabras clave: Alfred Schutz, vida cotidiana, intersubjetividades.

INTRODUÇÃO

Este trabalho é o primeiro resultado de uma pesquisa que estamos desenvolvendo sobre a vida cotidiana e, especificamente, sobre as interpretações teóricas e metodológicas que analisam o cotidiano como experiência simultânea ao senso comum e aos processos intersubjetivos entre as noções de indivíduo e sociedade presente em teorias clássicas e contemporâneas das ciências sociais.

Vários intelectuais continuam analisando os significados subjetivos e intersubjetivos da vida cotidiana, como podemos ver em trabalhos de José de Souza Martins (MARTINS 2010; 2014), que discute as sociabilidades dos *homens simples* no Brasil a partir de uma teoria de modernidade anômala; ou em autores clássicos do pensamento social moderno, como os de Henry Lefbvre e Agnes Heller que compreenderam a inconsistência da vida cotidiana aos processos históricos fragmentados pela brevidade de um espaço-tempo corroído por afazeres rotineiros.

Compreendemos, desse modo, que o cotidiano e a vida cotidiana são fenômenos expressivos nas análises empíricas e metodológicas feitas por pesquisadores clássicos e contemporâneos em ciências sociais e filosóficas. Neste sentido, pretendemos apresentar algumas ideias da fenomenologia de Alfred Schutz que, provavelmente, foi e continua a ser um dos pensadores que procurou não só alicerçar uma ciência social da vida cotidiana, mas também desenvolver um olhar metodológico para a interpretação da realidade intersubjetiva do senso

comum.

Alfred Schutz foi um autor sensível ao seu tempo, pois nos legou uma obra que manteve um projeto epistemológico em que a fenomenologia husserliana seria adaptada aos significados construídos por atores sociais no universo da vida diária. Para os anos de 1930 a 1950, bastante influenciadas pela sociologia funcionalista parsonsiana, aceitar uma visão fenomenológica da realidade intersubjetiva dos atores sociais talvez não fosse tão bem-vista naquele momento. E foi o que Alfred Schutz fez durante toda sua carreira intelectual. Trouxemos um olhar metodológico sobre a vida dos atores sociais comuns, que vivem a dinâmica de um fluxo contínuo e histórico na existência do dia a dia.

Este trabalho, como falamos inicialmente, é o primeiro de outros que tentaremos desenvolver. Por isso queremos alertar ao leitor, principalmente os familiarizados com as *ciências sociais* do cotidiano, que não se trata de um texto acabado, mas, pelo contrário, com diversas lacunas a serem preenchidas por um árduo trabalho de pesquisa teórica e metodológica passíveis a críticas e interpretações. Neste sentido, talvez fique a sensação de que outros autores deveriam aqui ser estudados. Por exemplo, Erving Goffman, que é considerado um importante cientista social da vida cotidiana, contemporâneo também a Schutz, não estar aqui porque tentaremos dar mais atenção a sua obra em outro trabalho. Do mesmo modo como Norbert Elias, Michel de Certeau, Michel Maffesoli, Gilberto Freyre, Sérgio B. de Holanda, Roberto DaMatta, José Machado Pais, Mary del Priore, entre tantos outros que, seja numa abordagem historiográfica, socioantropológica e filosófica vêm estudando os significados da vida cotidiana e, cada vez mais, da experiência de vida do indivíduo comum.

O leitor pode perceber, neste artigo, que alguns pensadores, aparentemente divergentes, como é o caso de Durkheim e Husserl, foram aqui aproximados, principalmente através da percepção inovadora de Edward Tiryakian que, como poucos, conseguiu enxergar tamanha semelhança entre o “positivista” francês e o “fenomenólogo” alemão (TIRYAKIAN, 1979). Jacques Lacan, ainda de forma tímida, também será discutido próximo a Alfred Schutz o que, de algum modo, não é um exercício fácil dialogar com autores em tradições epistemológicas aparentemente tão “incompatíveis”. Ao final deste trabalho buscamos brevemente fazer considerações sobre a mudança ou a “suspensão” do cotidiano imposta pela Covid-19 nos últimos meses, mostrando a importância do pensamento de Alfred Schutz para a interpretação do nosso tempo histórico presente.

APONTAMENTOS METODOLÓGICOS ENTRE HUSSERL E DURKHEIM SOBRE A INTERPRETAÇÃO DA VIDA COTIDIANA

“A vida cotidiana é a vida de todo o Homem!” (Heller, 2008, p.31). Agnes Heller (2008) compreendeu que a experiência da vida se faz por “imposições” legadas ao indivíduo na temporalidade histórica do cotidiano. Falamos de imposição na medida em que aceitamos certas condições rotineiras que podem ou não serem feitas compulsória e espontaneamente. Trata-se, de alguma forma, de estruturas subjetivas e objetivas cujo conteúdo simbólico e imaginário, alinhados com a percepção da realidade sobre os processos de dominação, repressão, contenção e poder que permite-nos pensar e interpretar o real da vida cotidiana a que estamos acostumados e conformados (HELLER, 2008). Esta interpretação tende a corroborar com ramos distintos do conhecimento científico e filosófico, ao mesmo tempo assume relevância com os significados atribuídos à compreensão linguística, fenomenológica e hermenêutica, principalmente com pensadores que propõe consistência ao debate sobre como age a consciência do sujeito e como este conduz suas ações e atos espontâneos em um fluxo contínuo da história (GADAMER, 1997).

Este tipo de reflexão, é bem verdade, faz parte de um olhar metodológico alicerçado em dois *tipos ideais*¹, de fundamentos epistemológicos que mantêm estreito vínculo com a chamada *virada linguística e fenomenológica*, principalmente aquelas escolas que encontraram nos nomes de Ludwig Wittgenstein e Edmund Husserl, seus principais expoentes. Tais análises compreendem que a consciência do sujeito se abastece de modelos reflexivos, porém limitados a imperativos adquiridos, seja em um campo do aprendizado linguístico, seja por via de fenômenos produzidos intencionalmente ao ato espontâneo de pensar, disposto na estrutura reflexiva do ator social. Agregados a outra tradição do conhecimento científico e filosófico também podemos apontar aquelas que direta ou indiretamente descendem do pensamento positivista-funcionalista, que, a partir da sociologia de Durkheim, interpreta a estrutura da exterioridade funcional dos fenômenos sociais conforme os substratos da consciência coletiva-individual (LEVINE, 1997).

¹ Aqui usamos tipo ideal segundo a concepção de Max Weber (WEBER, 2000), enquanto instrumento de análise metodológica para uma aproximação lógica de interpretação dos fenômenos sociais.

Pensado segundo a *redução fenomenológica* de Husserl (1975), a consciência adquirida, estabelecida numa relação recíproca entre o sujeito e o objeto, viabiliza a expansão criativa do indivíduo em atos espontâneos, porém intencionais, de reflexão e pensamento. Isto quer dizer que o sujeito reflexivo, na fenomenologia *husserliana*, está consequentemente em direção a um exercício contínuo de auto-imagem e retorno a si. Logo, a consciência, para Husserl (1975), possui o poder de reflexividade onde o sujeito se firma e recria a sua condição existencial. Há na redução fenomenológica de Husserl (1975), como veremos um pouco mais adiante no olhar de Alfred Schutz (SCHUTZ, 2018; 1979), principalmente naquilo que este pensador interpreta no: *cenário cognitivo do mundo da vida* (SCHUTZ 1979), as bases fenomenológicas ao entendimento da estrutura do cotidiana.

Não obstante, para Husserl (1975; 2000), muito mais na aparência óbvia de uma *máxima* como: “todo ato de pensar e todo pensamento é sempre a consciência de alguma coisa”, Husserl analisa que o conhecimento se produz segundo as experiências partilhadas pelo sujeito no fluxo contínuo da vida. Não é pois tarefa simples perceber o que é ou como se funda o conhecimento do ator social, conforme suas interpretações conscientes na experiência cognoscível do mundo da vida. Schutz (1975), como veremos, nos mostra que este mundo da vida, coincidente com o cotidiano, incide certa autonomia biográfica do sujeito, disponíveis a reciprocidade de experiências subjetivas e objetivas determinadas.

Husserl (1975; 2000) compreendeu que a redução fenomenológica põe em evidência as experiências subjetivas intencionadas na consciência que o sujeito possui em relação a si e ao mundo que o circunda, seja este simbólico, imaginário ou físico. Deduzimos que a fenomenologia husserliana tem a intenção de mostrar os processos criativos do conhecimento adquirido conscientemente pelo indivíduo, na relação contínua ao mundo da vida com o eu-nós, precisamente experiências compartilhadas e apreendidas no cotidiano.

Toda a vivência intelectual e toda a vivência em geral, ao ser levada a cabo, pode fazer-se objeto de um puro ver e captar e, neste ver, é um dado absoluto. Está dada como um ente, como um isto-aqui (*Dies-da*), de cuja existência não tem sentido duvidar (HUSSERL, 2000, p. 55-56).

É simultaneamente neste puro *ver e captar*, no *isto-aqui* e *isso-lá*, que Husserl (2000), analisa os processos intencionais da razão real-objetiva (*noesis: ato de perceber*) e do simbólico-subjetivo (*noema: o objeto ou a coisa que se representa*) conservados nas experiências intersubjetivas dos sujeitos. A história, a memória, os vínculos de afinidades, assim

como as redes de solidariedade e sociabilidade, se dispõem ao ator social conforme sua motivação e predileção pela espontaneidade de certa consciência comum, assim como condiz com a experiência e a visão do mundo agregado aos atos do pensamento intersubjetivo a serviço no e para o sujeito relacional.

Desse modo, buscaremos brevemente, tendo como referência o pensamento de Tiryakian (1979; 2009), mostrar pontos de convergência entre Durkheim e Husserl sobre a ideia de certa *espontaneidade atribuída aos atos intersubjetivos da consciência coletiva*. Neste sentido, os atos representativos da consciência que faculta a experiência do sujeito ao objeto, em Edmund Husserl, como mostra Tiryakian (1979), são análogas à interpretação das representações da consciência coletivas feitas por Durkheim, pois mesmo que Durkheim tenha direcionado seu projeto sociológico para mostrar formas de manutenção de determinadas disposições consensuais, no que diz respeito a valores, regras e afinidades morais entre sociedade e indivíduo, as intersubjetividades estão visíveis nos processos funcionais das solidariedades orgânicas e mecânicas (TIRYAKIAN, 1979).

São imagens do *eu-outro* conscientemente compartilhadas, figurando uma noção intersubjetiva e interpessoal do nós em um social específico. É compreensível que Durkheim (1994), observou que as representações coletivas são concedidas de maneira a gerar um sistema funcional relativamente coeso e normativo, em virtude também das pressões que a coercitividade das leis e as regras morais podem ou não se cristalizar numa determinada sociedade.

Todavia, como lembra Tiryakian (1979), há uma proximidade entre o pensamento de Durkheim e Husserl, pois Durkheim compreende que as representações coletivas são compostas por símbolos que nutrem sentimentos e emoções vinculadas potencialmente na solidariedade social, promovendo afetividades e afinidades duradouras. Segundo Tiryakian (1979; 2009), o conceito de *Lebenswelt*, traduzido como “mundo da vida”, na fenomenologia de Husserl, permanece em estreita relação com a noção de *conscience collective* de Durkheim, uma vez que ambos tentam estabelecer princípios *apriorísticos* ao entendimento de uma consciência transcendental².

² Tiryakian (1979, p. 283) também mostra que as representações coletivas em Durkheim, semelhantes às *noemata* de Husserl, são estruturas *a priori* constitutivas no mundo social que procuramos compreendê-las. Para Tiryakian (1979, p. 283), Durkheim, por influência de Kant, enxergou que as estruturas do pensamento são também *a priori* porque sua natureza é coletiva, ou seja, transcendental ao indivíduo.

Há um diálogo entre a fenomenologia husserliana e a sociologia durkheimiana, mesmo sob aparente divergências metodológicas, tensionadas nas *ciências sociais* desses pensadores, como mostra Tiryakian (2009), quando reduzidas apenas a tradições filosóficas específicas, caso de Durkheim, associado ao positivismo e Husserl a fenomenologia. Para Tiryakian (1979), tanto Durkheim como Husserl, asseguraram um projeto de estabelecer um *método* de apreciação da realidade, segundo as *essências dos fenômenos* exteriores a própria consciência coletiva e individual, daí toda a influência dos *imperativos categóricos* kantianos sobre os dois pensadores (TIRYAKIAN 1979; 2009).

Ao tratar os fenômenos sociais como *fato social*, externo à vontade individual e firmados perante julgamentos coercitivos, Durkheim analisa que as representações sociais são realidades fenomênicas, em um sentido próximo ao utilizado por Husserl (TIRYAKIAN 2009). Tiryakian (1979; 2009) percebe, no tocante *ao mundo da vida* e às *representações coletivas*, assim como na própria noção aparentemente abstrata dos fenômenos sociais observados enquanto “*coisa*”, uma estrutura análogo de pensamento metodológico que intenciona interpretar a realidade social mediante as experiências sensíveis dos sujeitos coletivos e individuais, sejam estas reduzidas *eideticamente*, como fez Husserl, ou tratadas como *coisas*, como compreendeu Durkheim ao elaborar o fato social.

Até o momento tentamos fazer essa breve aproximação entre o pensamento da fenomenologia husserliana e a sociologia durkheimiana, a partir das ideias de Tiryakian que, ao nosso ver, se mostra inovador ao dialogar e unir pensadores aparentemente tão divergentes em suas abordagens epistemológicas, mas relativamente próximos quando buscam interpretar a realidade social em suas estruturas fenomênicas, que leva ao entendimento das intersubjetividades no mundo da vida cotidiana e das emoções.

Tiryakian (1979; 2009) também descreve a sensibilidade de Durkheim a um mundo da vida de experiências que agregam: “sentimentos e afetividades repletos de símbolos compartilhados em estados de afetividades coletivas, como, por exemplo, credos religiosos, orações, etc”. (TIRYAKIAN, 1979, p. 293). Aqui entendemos que existe no projeto sociológico durkheimiano a intenção de analisar a dinâmica social da vida cotidiana, sob um olhar sociológico que, como percebeu Tiryakian (1979; 2009), valorizou os fenômenos sociais das emoções, principalmente as que permitem manter a solidariedade e os vínculos sociais em pleno funcionamento.

Já na fenomenologia husserliana compreendemos que o *mundo da vida* provém também das representações sociais integrados na dinâmica do cotidiano. Schutz (1979; 2018), como um importante teórico do pensamento de Husserl e um dos grandes expoentes do uso da fenomenologia nas ciências sociais, percebeu que Husserl chamou de: “sedimentação do significado” (SCHUTZ, 1979, p. 74), os processos de experiências conscientes do sujeito, intencionalmente adquiridos ao longo de sua trajetória de vida. Tal trajetória faz parte do “estoque de conhecimento” (SCHUTZ, 1979, p.74) adquiridos na vida diária e que, cotidianamente, reconduz o sujeito a acessar atos espontâneos armazenados na memória, fundamentais para manutenção do conhecimento de si e dos demais atores sociais.

Não obstante, se Alfred Schutz enxergou na fenomenologia husserliana as bases para uma interpretação sociológica da vida cotidiana, já não tinha a mesma “simpatia” em relação a Durkheim, mesmo reconhecendo a importância deste em suas teses sobre a cultura e as religiões ditas “primitivas” (SCHUTZ e LUCKMANN 2001). É compreensível as críticas de Schutz a Durkheim, talvez mais crítico as tradições ou abordagens metodológicas que se absteve de estudos mais consistentes da “natureza” abstrata e subjetiva intrínseca a realidade social (SCHUTZ, 1979; 2018). Todavia, nos trabalhos de Tiryakian (1979; 2009), como havíamos comentado antes, existe um desconhecimento sobre o olhar fenomenológico a obra de Durkheim e sua preocupação com a subjetividade das relações sociais que, possivelmente, pensadores como Schutz não percebeu.

Segundo a tradição fenomenológica a que Alfred Schutz estava vinculado e sem negar toda a influência husserliana e weberiana ao seu pensamento, podemos entender o esforço teórico e metodológico deste pensador para ampliar a fenomenologia, as ciências sociais e o seu reconhecimento pioneiro neste projeto intelectual. Como enfatizou Luckmann (2001), seu discípulo mais proeminente, Schutz buscou, em diálogo constante com a filosofia, com a fenomenologia de Husserl e a sociologia interpretativa de Weber, desenvolver ou aplicar o método fenomenológico a uma “análise descritiva da formação do mundo da vida cotidiana e da experiência humana” LUCKMANN (2001, p. 8). Acrescentamos aqui a influência de Henri Bergson ao pensamento de Schutz, pois foi através de uma leitura bergsoniana, dos processos ininterruptos do tempo vivido na *durée de vie*, que Schutz (2018, p. 83) enxerga, como exercício de pesquisa: “uma vivência decorrida, desvaída, acabada, em suma, passada”. Passada porque na *durée*, o sujeito que experimenta a sua biografia, rememora, retrospectivamente, o seu

passado no presente condicionado pelo cotidiano (SCHUTZ, 2018).

No entanto, se preferimos tentar compreender até o momento a sociologia durkheimiana a fenomenologia hursserliana, foi na intenção de relativizar o debate sobre a interpretação da vida cotidiana, pois percebemos que na estrutura do *fato social*, bem como na *intencionalidade consciente* das experiências individuais, coexistem reflexões simultâneas sobre os significados da vida ordinária e apreensão intersubjetiva dos sentidos do “homem comum” e sua objetivação no mundo da vida. Por mais que, como enfatizamos parágrafos antes, exista certa “distância” metodológicas entre tradições fenomenológicas, positivistas ou estruturalistas, podemos apontar a possibilidade da interpretação da realidade social a partir dessas experiências intersubjetivas, feitas por atores sociais, como enfatiza Alfred Schutz (SCHUTZ 1979; 2018; 2019). Assim, neste momento, tentaremos refletir um pouco sobre o projeto “socio-fenomenológico” schutziano no desenvolvimento e interpretação de uma ciência social da vida cotidiana e do senso comum.

ALFRED SCHUTZ E A FENOMENOLOGIA DO FLUXO DA VIDA COTIDIANA

Para Schutz (1979; 2018), é na experiência sensível do sujeito e nos significados do cotidiano que o *homem comum* se abastece do seu aprendizado ou do *estoque de conhecimento* que determina interpretar, perceber e projetar sua vida no universo relacional. Enquanto sujeito “experimental”, uma vez que este conhece a realidade consciente e objetiva da vida, ou seja, em tudo o que se dispõe aos sentidos reflexivos da consciência, sejam estes reais ou imaginárias, o sujeito conduz seus atos e vontades, as ações racionalmente intencionais em relação mediada ao outro.

Desse modo, o mundo da vida no cotidiano, para Schutz (1979; 2018) e Schutz e Luckmann (2001), é o espaço da experiência consciente do ator social que aprende e apreende intencionalmente por meio de atos espontâneos de sua vivência individual em relação ao social. **“A imediação do eu e a imediação do tu, nossa imediação, portanto, é única e comum. O mundo do “nós” não é o mundo privado de cada um; ele é nosso mundo, o único mundo intersubjetivo comum a nós, que aqui nos é pré-dado”** (SCHUTZ, 2018, p. 262, grifos do autor). Schutz (2018) compreende que o mundo da experiência intersubjetiva representa os vínculos necessários à formação do mundo dos *consociados* que, por si, estabelece a vivência

recíproca e próxima entre atores sociais. Na vivência dos *consociados* o espaço relacional é produzido pelos semelhantes, por suas estreitas práticas e ações sociais que mantêm as afinidades a partir da autopercepção que o *eu* encontra no *outro*.

Sob a influência da fenomenologia psicológica husserliana, Schutz procura explorar o universo *transcendentais* do conhecimento interrelacional da vida cotidiana, no qual parece existir uma vontade recíproca de compartilhamento coletivo das intersubjetividades sociais e da subjetividade individual nos ajustes simbólicos das relações interpessoais.

Assim, o mundo social no qual o homem nasce e tem de achar seu caminho é por ele vivenciado como uma rede fina de relacionamentos sociais, de sistemas de signos e de símbolos com sua estrutura de significados particulares, de formas institucionalizadas de organização social, de sistemas de status e prestígio, etc. O significado de todos esses elementos do mundo social, em toda a sua diversidade e estratificação, assim como o padrão de sua própria textura, é tido como pressupostos pelas pessoas que nele vivem (SCHUTZ, 1979, p. 80).

Esses pressupostos são realidades intrínsecas às motivações, aos projetos e a própria biografia individual que ator social tem disponível na e para sua trajetória de vida ordinária. Assim, Schutz (1979; 2018) desenvolve sua interpretação metodológica sobre o senso comum, quando percebe que na vida cotidiana dificilmente o ator social, isto é, aquele sujeito que vive no universo do dia a dia, irá contestar suas ações diante das atividades espontâneas da vida corriqueira. É um fluxo contínuo de experiências “passíveis” e “naturalizadas”, predefinidas por ações sociais que os atores relacionais produzem na realidade criativa do mundo da vida.

Não obstante, é na corriqueira vida cotidiana que encontramos alento nesta realidade relativamente confortável e aparentemente banal para nós, seres humanos “comuns”. Uma realidade em que o sujeito recebe um universo que possibilita mantê-lo seguro em suas ações, escolhas e projetos individuais sem que haja rupturas significativas entre o simbólico e seus significados correntes da experiência sensível que se vivencia e se experimenta em um social específico.

Cada província do significado - o mundo principal de objetos e eventos reais, o qual podemos afetar através de nossas ações, o mundo de imaginação e fantasmas, assim como o mundo de brinquedo das crianças, o mundo do insano, mas também o mundo da arte, o mundo dos sonhos, o mundo da contemplação científica - tem o seu estilo cognitivo especial. E é esse estilo especial de um conjunto de nossas experiências que as constitui como províncias finitas do significado. [...] Além disso, cada uma dessas províncias finitas do significado é, entre outras coisas, caracterizado por uma tensão de consciência específica (desde o alerta total com relação à realidade da vida cotidiana até o sono no mundo dos sonhos) por uma perspectiva de tempo específica, por uma forma específica de se vivenciar a si próprio e, finalmente, por uma forma

específica de socialização (SCHUTZ, 1979, pp 248-249).

A socialização, neste caso, acontece de modo que o ator social, espontaneamente, experimenta e vive suas “micro” relações cotidianas. São experiências singulares compartilhadas por aqueles que estão próximos, que diretamente interferem na biografia de vida do sujeito relacional. Essa biografia é marcada pela vivência dos significados de múltiplas experiências ao longo da trajetória de vida pessoal, das afinidades interpessoais e emocionais, bem como dos processos de socialização e estruturas socializadoras que conduzem o ator social a garantir sua biografia e história de vida. São também nas formas de aprendizado com os pares, com a família, com os amigos e demais redes de socialização, como a escola ou a religião, que este *sujeito biográfico schutziano* molda sua existência e põe-se em um mundo onde possa determinar suas escolhas, vínculos afetivos, optar ou não por manter seu estilo de vida, suas sociabilidades ou individualidade.

O resultado dessas escolhas aparentemente individuais mantém o ator social centralizado em um tempo e espaço cotidianamente elaborado, permitindo-lhe ponderar sobre suas decisões e ações sem que haja desconforto ou maiores prejuízos para o mesmo. Há, desse modo, uma relativa sensação de segurança no universo do cotidiano quando este permite que o indivíduo tenha e mantenha livre arbítrio para definir suas prioridades de vida no *fluxo biográfico* de sua existência. Chamamos aqui de *fluxo biográfico* esse olhar schutziano sobre o ator social que, conscientemente, é capaz de reflexividade dentro do universo de escolhas e possibilidades que não se esgotam, mas se re-significa conforme as intenções, motivações e ações no mundo da vida (*lebenswelt*) (SCHUTZ, 1979).

Daí a importância da compreensão social dos processos subjetivos e intersubjetivos na teoria schutziana, pois condiciona o entendimento do ator social no seu caminho espontaneamente nas *províncias finitas* dos significados da vida que, *infindavelmente*, incorporam as experiências reais “naturalizadas”, como, por exemplo, o simples ato despretensioso de tomar uma xícara de café, com aquelas realidades em que pode estar guardados os sonhos, as fantasias, as emoções, os desejos, credos, crenças e tudo o que é definido como uma experiência sensível e subjetiva presentes no universo da vida cotidiana e na experiência adquirida no e pelo *senso comum*.

Vale aqui ressaltar que Schutz (1979; 2018) coloca em xeque o problema da objetividade e subjetividade nas ciências sociais, criticando diretamente o behaviorismo que,

segundo ele, tratou os fenômenos sociais apenas em um campo de inferências metodológicas sem considerar as experiência reflexiva e consciente do ator social e suas ações na dinâmica do mundo contínuo da vida. [...] “Os cientistas sociais, acham eles, podem e devem restringir-se a dizer que o mundo social significa para eles, cientistas, *negligenciando o que ele significa para os atores dentro desse mundo social*”. SCHUTZ (1979, p. 263. Grifos nosso). A análise das subjetividades, para Schutz (1964;1979), desse modo, é essencial para entender o cenário da vida cotidiana, principalmente quando o cientista social busca interpretar este ambiente naturalizado e aparentemente banal.

Cabe salientar que segundo Schutz (1979; 2018) e Schutz e Luckmann (2000), o universo do cotidiano faz parte de um universo social além das conjecturas pré-formuladas da episteme científica. Não obstante, as ciências e os cientistas devem buscar os significados que os atores sociais dão a sua vida e como as enxergam em um fluxo contínuo de sua existência diária.

Por isso, a rigor, justamente aquele mundo social da vida diária, cujas representações são apropriadas do curso do fenômeno social, deverá, por seu lado, torna-se objeto de estudo científico pela sociologia, cuja tarefa, portanto, há de consistir, especificamente, em inquiri, a “obviedade”. (SCHUTZ, 2018, p. 28)

As ciências sociais, especificamente a sociologia, para Schutz (2018), deve direcionar seus estudos à compreensão empírica do mundo dos atores sociais, condicionados por suas ações no universo espontâneo da vida cotidiana. A realidade do cotidiano, em si, se dispõe por intermédio dos símbolos culturais que agregam valores e ações ao ator social, por isso esse trânsito entre o mundo dos sonhos e da fantasia, de uma realidade imaginária, com o universo real das rotinas da vida diária.

É neste campo intersubjetivo do real e da realidade que Alfred Schutz vai se tornar um dos pioneiros da sociologia da vida cotidiana, pois buscou fornecer elementos epistemológicos e metodológicos onde se pode interpretar as ações e motivações dos atores sociais conscientes e transformadores da realidade social adquirida nas teias do senso comum.

Neste sentido, ao questionar o trabalho do pesquisador, indaga Schutz (1979, p. 265): “o que significa esse mundo social para o ator observador dentro dele, e o que ele quis dizer através de sua ação dentro dele?”. A resposta é que existe uma reciprocidade entre o observador e o observado no compartilhamento da experiência intersubjetiva do fluxo da vida social. Aqui percebemos no pensamento de Alfred Schutz a influência das *ciências do espírito*,

do qual nomes como Wilhelm Dilthey, Max Weber e Georg Simmel se tornaram figuras proeminentes nas ciências sociais alemãs, principalmente no uso epistemológico da expressão *Verstehen* (compreensão) como arcabouço do processo de análise histórica, dos fenômenos sociais e postulados axiológicos³ que fazem parte do que se convencionou chamar, na filosofia alemã, de mundo da vida (*Lebenswelt*).

Pode-se falar de mundo da vida, conforme a hermenêutica diltheyana e a fenomenologia husserliana, a tudo o que diz respeito a um fluxo contínuo da existência humana em sua totalidade, nas ações e processos que, vindouros de um ser consciente historicamente, experimentam a intensidade e intencionalidade da vida de acordo com as paixões e pulsões inerentes ao sujeito (GADAMER, 1997).

Schutz (1979; 2018), refere-se ao mundo da vida (*lebenswelt*) no contexto da vida cotidiana. É neste ambiente que o ator social deve ser compreendido a partir das suas ações e experiências individuais sem que ocorra seu “deslocamento” do mundo social que se encontra habituado, pois é neste universo que suas relações íntimas e seus vínculos de afinidades se tornam duradouros, e cria, dessa maneira, *o mundo dos consociados*.

No mundo da vida, sobretudo o da vida cotidiana, Schutz (1979), define o conceito de *Verstehen* (compreensão) para a apreciação dos significados elaborados pelo ator social no *sensu comum*: [...] **“verstehen, é pois, primeiramente, não um método usado pelo cientista social, mas a forma particular de experiência através do qual o pensamento do senso comum toma conhecimento do mundo social e cultural”** (SCHUTZ, 1979. p. 269). Aqui Alfred Schutz faz diretamente ressalvas ao entendimento de Max Weber sobre *Verstehen*, pois, segundo ele, Weber não conseguiu operacionalizar o conceito de compreensão a um uso adequado, fosse aos significados dados ao senso comum, fosse por suas características epistemológicas e metodológicas usadas nas ciências sociais (SCHUTZ, 1979, p. 270).

No que diz respeito as ações sociais, ao *ressignificar* a análise weberiana, que, como observar Helmut Wagner (WAGNER, 1979), Schutz teria aplicado a teoria da ação de Max Weber ao mundo da vida cotidiana, uma vez que buscou reformular a ação racional aos processos intencionais e conscientes dos atores sociais que desenvolvem suas escolhas e

³ Ver sobretudo a concepção de juízo de valor descrito por Weber (2000) enquanto premissas subjetivas que molda convicções e crenças pessoais, dificultando a pretensão de objetividade nas ciências sociais e no própria imparcialidade do observador.

projetos individuais, condicionados às experiências de vida adquirida juntamente ao senso comum. Neste sentido, Schutz (1979), compreendeu que a ação do ator pode até ter implicações causais, entretanto, elas são predeterminadas, planejadas e intencionalmente pensadas a provocar alguma situação ou efeito de mudança, conforme as intenções, sentidos, significados determinadas pelo ator, e isto quer dizer que toda ação racional, para Schutz (2018), tem um caráter motivacional.

Assim, o mundo da vida cotidiana é relativamente seguro ao ator social. É seguro porque segundo Schutz (1979), como comentamos antes, propicia um ambiente onde existe um *estoque de conhecimento* já adquirido pelo ator social que, dificilmente, vai querer se arriscar a sair fora dele. É uma compensação das rotinas espontâneas que leva o indivíduo a agir e tentar manter um estado de segurança e conforto. Neste caso, a quebra da rotina ou da vida cotidiana, para Schutz (1979), pode provocar instabilidade ao ator social sujeito a algum tipo de infortúnio, como, por exemplo, atribuições na vida financeira, a morte de um parente, uma catástrofe ambiental e várias outras condições que podem mudar drasticamente a *situação biografia* deste ator social. Desse modo, Alfred Schutz percebeu que as ações dos atores sociais são ponderadas, possui atos reflexivos para atingir seus propósitos e direcionar suas escolhas e projetos de vida mais viáveis.

Schutz (1979; 2018) faz uma tipificação metodológica densa das ações individuais disponíveis principalmente de modo intencional ao ator social, o que delongaria neste artigo uma análise mais detalhada, todavia, chamamos a atenção que o seu olhar para a ação social é visto com significados e sentidos refletidos sobre os atos e condutas conscientes do ator social na vida corriqueira.

Falar sobre ação social em Alfred Schutz compreende-se que toda ação é um exercício consciente e reflexivo. Daí uma metodologia inovadora que Schutz (1979; 2018) vai desenvolver unindo e dialogando com o pensamento de Weber e Husserl. No caso da ação racional weberiana, Schutz une a um exercício epistemológico em que situa o sujeito reflexivo husserliano. A probabilidade da ação social causal do qual nos fala Weber (2001), que pode ou não ser efetivada em relação a um fim, se funda com a ideia fenomenológica husserliana de uma consciência reflexiva desenvolvida pelo sujeito aos seus atos intencionais. Não obstante, a intencionalidade das ações sociais racionais é motivada, para Schutz (1964; 1979), Schutz e Luckmann (2000), na esfera do cotidiano. É neste espaço em que se expressa os significados e

a essência da realidade construídas pelo ser humano no mundo da vida reflexiva ao senso comum, cabendo às ciências sociais interpretar este universo.

Las ciencias que aspiran a interpretar y explicar la acción e el pensamiento humanos deben con una descripción de las estructuras fundamentales de lo precientífico, la realidad que parece evidente para los hombres que permanecen en la actitud natural. Esta realidad es el mundo de la vida cotidiana. Es el ámbito de la realidad, en el cual el hombre participa continuamente, en formas que son al mismo tiempo inevitables y pautadas. El mundo de la vida cotidiana es la región de la realidad en que el hombre puede intervenir y que puede modificar mientras opera en ella mediante su organismo aimado. Al mismo tiempo, las objetividades y sucesos que se encuentran ya en este ámbito (incluyendo los actos y los resultados de las acciones de otros hombres) limitan su libertad de acción. Lo ponen ante obstáculos que pueden ser superados, así como ante barreras que son insuperables. Además, solo dentro de este ámbito podemos ser comprendidos por nuestros semejantes, y solo en él podemos actuar junto con ellos. Únicamente en el mundo de la vida cotidiana puede constituirse un mundo circudante, común e comunicativo. El mundo do de la vida es, por consiguiente, la realidad fundamental y eminente del hombre. Por mundo de la vida cotidiana debe entenderse ese ámbito de la realidad que el adulto alerta y normal simplemente presupone en la actitud de sentido común (SCHUTZ e LUCKMANN, 2000, p.25).

O mundo da vida cotidiana, como nos mostra Schutz e Luckmann (2000), representa o nosso mundo interativo, no qual a intersubjetividade concilia o contato espontâneo com nossos semelhantes, bem como com os significados provenientes dos signos pré-definidos a um *estoque de conhecimento à mão*, estruturado ao saber do senso comum. Vale aqui repetir que para Schutz (1979; 2018) as ciências sociais devem buscar a interpretação do conhecimento e das ações sociais dos atores sociais sob suas próprias experiências cognitivas relativas a este senso comum.

Um senso comum que é compartilhado por experiências intersubjetivas dos vários atores sociais que nele habitam e que se torna, na visão de Schutz (1979), o “habitat natural” que ajuda a manter e direcionar a vida cotidiana do “homem comum” nos processos espontâneos do seu modo de vida e das sociabilidades. Essa ideia de uma estrutura natural do senso comum acontece porque abarca qualquer indivíduo, principalmente por este ser um espaço social estruturalmente previsível, reflexivo, aparentemente estável e historicamente predefinido por sujeitos biográficos.

É interessante que as biografias de vida, no olhar schutziano, vai ser canalizada nas diversas ações intersubjetivas e interdependentes de atos reflexivos, mediante uma consciência pré-reflexiva do conhecimento comum e familiar ao grupo social ou o mundo dos *consociados*. Trata-se de uma socialização que define a importância dos significados e sentidos construídos

por sujeitos biográficos interdependentes e que, de modo algum, pensando sociologicamente, pode ser compreendido isoladamente. Essa biografia de vida, para Alfred Schutz, sempre é uma biografia social e comum aos membros daquele grupo específico. Ela representa um processo temporal em que a memória condiciona um lastro histórico em função da contemporaneidade que se encontra o sujeito biográfico. Como diz Schutz (1979, p. 98): “**vivencio o mundo ao meu alcance atual como um elemento ou fase da minha situação biográfica única, o que envolve em um transcender do Aqui e Agora a que isso pertence**”.

Esse transcender do *Aqui e Agora* são sobrepostas a um exercício mnemônico que dinamiza as preferências subjetivas da lembrança do ator social as realidades sociais que lhe são inerentes, possíveis e passíveis de manipulação revisional que a memória tem acesso. Por isso o sujeito biográfico também vai se perceber conforme sua autobiografia, escolhendo ou ponderando o que deve narrar sobre sua vida e sua história social. Parece que Schutz (1979) nos propõe, neste caso, como exercício metodológico para as ciências sociais, um olhar além de fenomenológico, também hermenêutico das intersubjetividades dos atores sociais e suas biografias na dinâmica da vida cotidiana.

Além disso, como já havíamos comentado no início deste artigo, Schutz (2018) vai dar prioridade à filosofia da duração bergsoniana, já que a vivência do ator social se acomoda aos atos intencionais no fluxo ininterrupto do tempo durável. A biografia, dessa maneira, é retrospectiva a uma época passível a recordação, ao instante do passado rememorado no tempo presente e que se encontra no curso espontâneo da duração: *memória, re-cordação, reflexão*. Lembrado que *durée*, para Alfred Schutz, pode ser compreendido como fluxo contínuo da existência do ser na vida cotidiana.

Vale ainda ressaltar, para terminarmos esta seção, que Schutz (1979) se empenhou para interpretar o universo da vida cotidiana a partir do campo da linguagem socialmente elaborada, estruturada por “**tipificações e generalizações**” (idem, p.88) que orientam a compreensão mútua dos atores sociais na vida ordinária. Para ele: “**o meio tipificador par excellence, através do qual o conhecimento social é transmitido, é o vocabulário e a sintaxe da linguagem cotidiana**” (SCHUTZ, 1979, p.88). Percebe-se, entre outros significados, como o campo da linguagem em Alfred Schutz representa uma experiência que implica uma *ação racional comunicativa* que a princípio, para usarmos um termo habermasiano, tende a estabelecer um entendimento mútuo e consensual entre os atores sociais.

NOTAS SOBRE A REALIDADE CONTINGENTE DO COTIDIANO

Buscamos anteriormente apresentar algumas ideias do pensamento de Alfred Schutz sobre o cotidiano e sua dinâmica espontânea nos significados intersubjetivos do fluxo da vida e sua interpretação do caráter autobiográfico do ator social e relacional. Tentamos mostrar até o momento a possibilidade da realidade cotidiana que se transforma entre o real e o simbólico no pensamento de Alfred Schutz, isto é, entre ações e atos espontâneos da nossa vida corriqueira e o que contêm as *formas sociais*, para usarmos uma expressão simmeliana, que nos mantêm sólidos em nossa realidade subjetiva.

Como nos lembra Simmel (2006), é nestas *formas sociais* de interações interdependentes, ou seja, na relação recíproca (*sociação*) entre indivíduo e sociedades, que podemos compreender os modos de associações e a ação dos indivíduos em um social específico. Não obstante, diz Simmel (2006, p. 15) sobre a compreensão da realidade social:

Somente os propósitos específicos do conhecimento decidem se a realidade imediatamente manifestada ou vivida deve ser investigada em um sujeito individual ou coletivo. Ambas são igualmente pontos de vista que não se relacionam entre si com a realidade e abstração, mas sim como modos de nossa observação, ambos distintas das realidade - da realidade que, como tal, não pode de qualquer maneira ser da ciência, e que somente por intermédio de tais categorias assume a forma de conhecimento.

Aqui há um cuidado analítico que Simmel (2006) percebe ao referir-se à realidade como campo científico que, de um ponto de vista epistemológico, pode tensionar uma categoria de verdade contingencial, singularizar as formas de conhecimento pré-definidas em um plano racional de escolhas metodológicas. Vale lembrar que Simmel foi herdeiro de uma tradição kantiana; assim, para ele, a realidade se molda através dos significados *apriorísticos* que se articulam com modelos subjetivos da percepção dedutiva⁴. Neste sentido, procuraremos, ainda que reconhecendo nossas limitações teóricas e metodológicas sobre o tema em questão, fazer

⁴ O diálogo de Simmel (2006) com Kant pode ser percebido nas categorias analíticas dos conceitos, principalmente no que diz respeito à aquisição da sensibilidade espaço-temporal, visto sobre uma lógica transcendental que se alinha com a forma adequada do uso conceitual aos imperativos de uma razão metafísica e transcendental. A percepção dedutiva, desse modo, reflete a compreensão do conhecimento de si e por si mesmo. Essa leitura kantiana de Simmel compreende os processos de individualidade em que o “eu” é o sujeito criativo do conhecimento adquirido e dedutivo a uma objetividade a partir das subjetividades intrínsecas a um saber que se propõe comum a todos.

algumas reflexões sobre as categorias do real e da realidade como *formas* que assumem um significado de acordo com a interpretação subjacente à ideia de espontaneidade do cotidiano.

Assim, pretendemos compreender, inicialmente, a tríade de Lacan (1998), entre a possibilidade do *real*, do *simbólico* e do *imaginário* segundo estruturas psíquicas do aprendizado entre o ator social e o seu ambiente relacional. Acreditamos que esta estrutura se aproxima com a sociologia fenomenológica schutziana e seu pioneirismo na análise das subjetividades da vida cotidiana, uma vez que há um diálogo lacaniano com os processos intersubjetivos das estruturas psíquicas da consciência em referência ao senso comum.

No caso específico no pensamento de Schutz (2018), existe uma espontaneidade no mundo dos consociados que articula o *ego* com os signos e significados provenientes do *alter ego* e demais *sintomas* relativos as expressões, como o tom da voz, o modo de falar, os gestos, etc. Para Schutz (2018), esses significados entre o ego e alter ego vai ser estimulado pela presença corpórea, o que quer dizer que se trata de uma relação dual entre o consigo e o outro, ambos se abastecendo reciprocamente da sua consciência espontânea no mundo da vivência comum, ou como Schutz prefere: dos *consociados*.

Pensar a ação do ator social a partir da sua biografia de modo interdependente, como compreende Schutz (1979, 2018), na observação espontânea do fluxo contínuo da vida diária, representa um campo estrutural que mantém vivo os vínculos necessários para o desenvolvimento daquilo que Schutz (2018) vai conceituar como *mundo dos consociados* e *mundo dos contemporâneos*⁵.

No mundo dos consociados se enxerga o estreitamento das intersubjetividades. É o mundo dos semelhantes, do desenvolvimento das afetividades e compartilhamento recíproco das emoções. No ambiente dos consociados o *alter ego* se encontra em sintonia com seu *corpo somático* em relação de expressão e confiança que se deposita no *tu consociado*, em tempo e espaço comum (idem, p.251). Já o mundo dos contemporâneos, aparentemente, se olha para o contingencial, pois, para Schutz (2018), há uma relativa passagem do mundo dos consociados ao contemporâneo quando o corpo somático se distancia, quando as expressões do outro já não dão mais para serem sentidas e mesmo as emoções não podem mais ser compartilhadas. Na dinâmica do mundo dos contemporâneos a vida cotidiana é sentida na idealização especulativa

⁵ Sobre esse assunto ver sobretudo a seção IV do livro a Construção Significativa do Mundo Social de Alfred Schutz. Petrópolis: Vozes, 2018.

que faço em relação ao outro, no distanciamento, no anonimato, entretanto, partilho de uma convivência simultânea quando compreendo que tanto os consociados quanto os contemporâneos estão sujeitos ao mundo dos *predecessores*: histórico, durável e até, em certa medida, finalizado; e o mundo dos *sucessores*: indeterminado, contingente, movediço. No mundo dos sucessores há uma impressão de que o problema do futuro está contido no seu pretérito, pois é totalmente indefinido. Não obstante, o eu e o tu, perfilam-se entre o passado, o presente e o futuro quando seu corpo somático está necessariamente condicionado na vida cotidiana, nos seus signos, símbolos e significados.

Aqui há certa proximidade de Schutz e a análise sobre a realidade em Lacan, não só por refletirem a importância recíproca do corpo simbólico, mas também por compreender o caráter da linguagem e do imaginário na relação dual constituída entre o eu e o tu, ou entre o *ego e alter ego*. Assim, a imagem corpórea que fazemos em tenra idade sobre nosso próprio corpo, inicialmente, como considera Lacan (1998a), propicia a criação das relações intersubjetivas com a alteridade, com o seu discurso linguístico, bem como com a estrutura do mundo simbólico sobre as funções relacionais dos atores sociais. A compreensão do mundo simbólico também pode ser interpretada na possibilidade da análise dos significados do ator social na vida cotidiana, como bem mostra Schutz. Daí que brota um entendimento da realidade segundo as suas *formas contingenciais*.

Não obstante, para Lacan (1998; 2005), o *real*, o *simbólico* e o *imaginário* se alternam em nossas funções psíquicas da realidade. A realidade, segundo Lacan (1998; 2005), contém essas três categorias para que possamos nos comunicar e expressar sentimentos, desejos, vontades e motivações. É um olhar para o *ego* acrescido da ideia de que o nosso mundo cotidiano está contido nas funções psíquicas das subjetividades intrínsecas entre o consciente e o inconsciente. Neste sentido, para Lacan (1998; 2005), a categoria do imaginário, derivada sobretudo da ideia de que possuímos condições naturais de aprendizado, reflete nossa auto-imagem em relação recíproca com o outro, ou seja, existe um campo em nossa consciência que atua precisamente nas projeções (imagens) entre os sujeitos que se observam mutuamente e o mundo ao seu entorno. No campo do imaginário ainda desenvolvemos uma estrutura de linguagem que fornece a compreensão do que queremos expressar como atos espontâneos da nossa consciência.

Da categoria do imaginário, Lacan (1998; 2005) pensa a categoria do simbólico

como representação das estruturas do inconsciente, que são moldadas em um campo de significados expressos nos elementos da realidade intersubjetiva como: palavras, símbolos, gestos, expressões, etc. Aqui, mais uma vez semelhante a Schutz (2018), encontramos nestas formas simbólicas uma estrutura de significações que age na conformação de práticas e ações erigidas por uma ordem subjetiva exteriores aos sujeitos. O simbólico, desse modo, está contido no sujeito assim como o sujeito está para o simbólico.

Da categoria de imaginário e simbólico, Lacan (2005) desenvolve a do real. Para ele, o real se molda à realidade de acordo com nossas experiências simbólicas e imaginárias. O real é o campo do impreciso, do heterônimo, da contingência, de tudo o que sabemos que existe, mas não conseguimos expressar. Uma vez que coexiste com a realidade entre o simbólico e o imaginário, o real acaba por ser definido pela indefinição, trata-se, mais uma vez, aparentemente, de estruturas contingenciais do conhecimento ou, semelhante ao tipo ideal weberiano⁶, o real lacaniano só pode ser apreendido parcialmente, jamais compreendido em sua totalidade.

É talvez certo que Lacan (2005) compreende a categoria do real, principalmente na experiência analítica, conforme as representações subjetivas que existem nas narrativas simbólicas de um sonho, da fantasia ou de um delírio espontâneo do inconsciente. O real assim é percebido quando, na sua forma simbólica, é transposto para a realidade que o sujeito vivencia. Não descartamos mais uma vez a possibilidade dessa experiência da vida cotidiana. Para sintetizar o que Lacan (2005) entende como real, podemos perceber, em referência a Freud, como a emoção do amor representa formas simbólicas em que o real existe parcialmente resignificado pela realidade.

Que Freud tenha introduzido aí o amor é algo que deve nos mostrar a que ponto ele deva as relações simbólicas seu alcance no plano humano. Com efeito, se devemos dar sentido a esse algo limítrofe o qual mal podemos falar que é o amor, é este, a conjunção total da realidade e do símbolo, que fazem uma única e mesmas coisa (LACAN, 2005, p. 50).

É nesta dificuldade de síntese, de congruência, de achar a verdadeira palavra para explicarmos o que sentimos que Lacan (2005) enxerga o real. Este amor do qual nos fala o pai da psicanálise estruturalista se abastece da realidade simbólica – seja na troca de olhares de um

⁶ Entretanto sabemos que o tipo ideal weberiano é um recurso teórico e metodológica para compreender a realidade em um campo abstrato de inferência conceitual.

casal enamorado ou na festa de aniversário que se oferece a um filho – ele se manifesta nas ações e atos que se expressam com dificuldade de objetivação. É por isso que, devido à inconsistência objetivada na vida diária, o real se estrutura nas condições do inconsciente e das subjetividades, pressionando um olhar analítico ao campo simbólico.

Na esfera simbólica que consolida o real existe uma seletiva disposição para a repetição de tudo o que desfrutamos enquanto realidade. Neste caso, Lacan (2005) vai dar prioridade ao entendimento do inconsciente e das estruturas psíquica sob um campo da linguagem, entretanto, a concepção do real simbólico, quando visto em suas formas contingenciais, conserva uma força recorrente ao seu prelúdio, isto é, se repete rotineiramente, e rotina faz parte da experiência sensível dos sujeitos no mundo intersubjetivo do cotidiano, como nos mostra Alfred Schutz.

Compreendemos que tanto na estrutura simbólica do real lacaniano quanto na fenomenologia do cotidiano schutziano, cada qual ao seu modo metodológico, analisam que o real não possui sentido em si ou para si, mas representa formas simbólicas e subjetivas que se articulam com a noção de realidade ao ator social. Esta realidade está contida, por exemplo, nas expressões e gestos que fazemos em relação ao outro, numa conversa em que não compreendemos inteiramente o que o interlocutor fala, ou até mesmo na incerteza de que realmente estamos sendo compreendidos. Aqui opera, como Schutz (2018) nos fala, uma experiência recíproca dos atores sociais *no mundo dos contemporâneos*.

O real ainda pode existir no silêncio e na recusa de querer falar, do querer dizer o que se sente, mas não se consegue expressar. Não existe explicação satisfatória para este real, do mesmo modo como talvez não haja uma definição objetiva do que entendemos e sentimos emocionalmente como o amor, a felicidade, o medo ou a raiva. Para Schutz (2019, p.13): *a palavra real é, em suma, uma margem*. Para Lacan (2011, 141): *le dit réel, nous n'y accédons que dans et par cet impossible que seul définit le symbolique*.

Ao tentarmos compreender o significado da categoria do real em Lacan, paralelamente à percepção intersubjetiva schutziana e lembrando a frase de Agnes Heller que: *a vida cotidiana é a vida de todo homem*, pois todo ser humano, sem exceção, se nutre do cenário cotidiano, deduzimos que existe uma estrutura epistemológica que consegue canalizar as funções intersubjetivas das representações sociais na vida cotidiana, aos processos conscientes e inconscientes que o ator social experimenta e vivencia na sua espontânea relação

ao senso comum.

Cabe aqui rapidamente comentar que, para Schutz (2018), a categoria do inconsciente não assume uma importância metodológica na apreciação da vida ordinária, pois: **“vivência é correlato direto da consciência, é aquilo que se apresenta ou já se apresentou a consciência, e nada além”** (idem, p100). Entretanto, Schutz (1979; 2018; 2011) deixa claro que a vida cotidiana é também produzida na espontaneidade, nas margens dos significados de múltiplas realidades disponíveis ao ator social e ao seu fluxo contínuo de aprendizado que, reflexivamente, pode estar contido no imaginário, nos sonhos e intersubjetividades que se encontra nas entrelinhas do consciente e inconsciente.

Disso deriva a ideia de que a vida real, vivenciada no mundo do cotidiano, não é somente repetitiva, mas também desprovida de sentido, como já dizia Henry Lefebvre (LEFEBVRE, 1991). Desprovida de sentido porque, na maioria do tempo, não paramos para pensar sobre nossas rotinas. Não ficamos dia a dia refletindo no que vamos fazer nas próximas horas ou nos próximos dias. Como Agnes Helles (2008, p. 47) percebeu: *“a característica dominante da vida cotidiana é a espontaneidade”*. No cotidiano agimos espontaneamente e até, em certas circunstâncias, de modo inconsequente e inconsciente. Nossas ações são “naturalmente” repetitivas, pois a cada dia existe algo que iremos fazer sem necessariamente atentarmos sobre as consequências e decisões que tomamos na vida diária, daí que muito daquilo que nos motiva, que nos direciona, que sentimos e experimentamos, nos dá uma sensação de passagem repetitiva (LEFEBVRE 1991; HELLER 2008).

Não se trata de um eterno retorno nietzscheano que potencializa, no nosso entender, a experiência do sujeito sobre a temporalidade que se busca plenitude ou reconciliação do devir com a impotência que o tempo lhe impõe, seja no passado, no presente ou na possibilidade que existe no futuro. O sujeito nietzscheano que vive o eterno retorno não se conforma com a possibilidade de que existe a dor ou o prazer, o amor ou ódio, a felicidade ou a angústia, ele simplesmente necessita e quer retornar ao que essencialmente lhe faz ser humano: ressentido, fragilizado, entediado, mas pronto a superar o seu destino em um ciclo repetitivo de duração (NIETZSCHE 2001).

No caso de viver sob o cotidiano, o presente que neste instante nos absorve, retorna constantemente nas rotinas que se repetem todos os dias, ou seja, provavelmente será do mesmo jeito no dia seguinte. Assim há uma falsa sensação de que o anteontem passou, que ao final do

dia o presente vai acabar, mas amanhã acreditamos que haverá um amanhã que, infelizmente, nem sempre, ou quase nunca, será novo. A rotina se torna umas das forças mais significativas da estrutura do cotidiano. Não obstante, o mundo do cotidiano não se resume a apenas funções rotineiras do dia a dia. Como observou José de Souza Martins (MARTINS, 2010 p. 56), mesmo nos momentos do trabalho alienante de uma fábrica existe a possibilidade de criação e renovação. Criação e renovação que impulsionam o sujeito à práxis, à recomposição da história, pois, na falta de sentido que as rotinas impõem, na falta de sentido do repetitivo e no peso insuportável da vida desprovida de sentido, temos a capacidade de romper com a estrutura alienante do dia a dia. Nas palavras de Martins (2010, p. 57), quando aponta a direção fenomenológica sobre a interpretação do cotidiano:

É aí que o reencontro com as descobertas das orientações fenomenológicas ganha novo e diferentes sentidos. Pois, é no instante dessas rupturas do cotidiano, no instante da inviabilidade da reprodução, que se instaura o momento da invenção, da ousadia, do atrevimento, da transgressão. E aí a desordem é outra, como é outra a criação. Já não se trata de remendar as fraturas do mundo da vida, para recriá-lo. Mas de dar voz ao silêncio, de dar vida a história.

Esse dar vida à história segue a percepção de uma tradição fenomenológica, hermenêutica e até mesmo estruturalista da vida cotidiana e do senso comum. Procura reconciliar a “natureza” espontânea das sociabilidades do homem simples com a sua história e sua ação biográfica nos processos intersubjetivos e ininterruptos dos fenômenos sociais e culturais. Estes atores sociais “anônimos” também ganham visibilidade nas interpretações fenomenológicas da vida cotidiana que, como procurou Alfred Schutz, Agnes Heller, Henri Lefebvre, Jacques Lacan, entre outros, reconciliar a história com um passado interpretado nas narrativas e memórias biográficas de homens e mulheres comuns.

CONSIDERAÇÕES FINAIS SOBRE A “SUSPENSÃO” DO COTIDIANO

Nos últimos meses de 2020 fomos pegos de surpresa com o novo coronavírus. Surgido na China em dezembro de 2019, logo se espalhou por todos os continentes, sendo decretado estado pandêmico no dia 11 de março de 2020 pela organização mundial de Saúde – OMS. De lá para cá a doença Covid-19 já matou, até momento desse artigo, aproximadamente 586.174 em todo mundo e com um total de 13.654.445 de infectados. No Brasil já são mais de

75 mil mortos e com um total de 1.978.236 de pessoas contaminadas⁷. Nada desde a pandemia da gripe espanhola em 1918 mudaria tanto o cotidiano mundial. Vários estados nacionais decretaram fechamento de fronteiras e medidas de isolamento social para conter a disseminação do vírus que continua a acometer centenas de pessoas mundo a fora. O medo, a insegurança e as incertezas tomaram conta dos discursos televisivos e na própria dinâmica do senso comum, pois, como é sabido, ainda não existe até o momento uma vacina para tratamento e prevenção da doença, o que fez com que, como única medida preventiva recomendado pela OMS fosse a manutenção do distanciamento e o isolamento social.

Chama-nos a atenção o fato de que a pandemia trouxe uma quebra significativa a nossa rotina diária. Escolas, universidades e vários tipos de comércios, por iniciativa de decretos de Estados e Municípios, no Brasil, tiveram que ser fechadas. Entretanto, em início do mês de julho governos estaduais já debatem a possibilidade de abertura da economia de forma gradual.

O novo coronavírus expôs, além de diversos problemas de infraestrutura e administração pública no Brasil, perante uma situação de calamidade mundial, (principalmente com o total despreparo e nenhum compromisso do atual poder executivo) a nossa incerteza e falta de confiança nos projetos de longo e curto prazo para a tomada de decisão e implementação de políticas públicas de segurança e saúde coletiva. Aqui compreendemos que, como muito bem analisou Alfred Schutz, o universo do cotidiano implica determinada confiança do *homem comum* ao seu conhecimento do *senso comum* e, de maneira mais técnica, no discurso e saber científico que, infelizmente, cada vez mais vem sendo atacado e descredibilizado por grupos ideológicos de religiosos e conservadores, fortalecendo campanha em redes sociais e canais de internet a disseminação de um *anticientificismo*⁸.

O abalo da pandemia não foi apenas no que diz respeito a nossa mudança radical nas rotinas, nos afazeres diários, nas práticas de sociabilidades e até mesmo na suspensão de festividades e rituais já consagrados, como, por exemplo, das festas juninas no calendário do

⁷Fonte/<https://www.google.com/search?sxsrf=ALeKk00ud1ZcjhKcOtFHTsxxgaSrKTyZ1lw%3A1592772970788&ei=asnVxs7YL4DA5OUPt4-T6Ao&q=mortes+coronavirus+mundo>

⁸ O Movimento Antivacina, o Movimento Terraplanista e o recente fundado Movimento Brasil Paralelo são alguns exemplos de grupos que vêm ganhando notoriedade nas redes sociais com discursos beligerantes contra a ciência, o saber técnico e o conhecimento histórico, principalmente com a disseminação de “teses” absurdas e bizarras que negam a Holocausto, a escravidão nas Américas, as ditaduras militares nas Américas Latinas, a ineficácia de vacinas contra gripes e sarampo e, não menos assustador, a afirmação de que a terra é plana, entre outras aberrações propostas por muitos que acreditam estar fazendo “revisão” histórico e científico.

nordeste e nos jogos olímpicos previstos para julho do corrente ano, mas também nas possibilidades de segurança e confiança nas práticas e afazeres do mundo da vida cotidiana que, no momento, se encontra também suspensa e comprometida aos infortúnios de não saber o que realmente deve ser feito. Alfred Schutz, como vimos ao longo deste texto, considerou que nossa biografia de vida também é determinada por nossas escolhas em um fluxo contínuo de projetos pessoais que, espontaneamente, nos leva a agir e atuar segundo nossa vontade individual. Percebe-se, desse modo, que ação individual schutziana é uma ação que se mantém a partir da noção de confiança encontrada pelo ator social na vida espontânea do cotidiano. Sua estrutura representa o *modos* de operacionalização das ações individuais ao fluxo da vida coletiva.

Com a chegada da pandemia nosso fluxo “natural” e espontâneo da vida se tornou cada vez mais direcionadas as práticas corriqueiras de isolamento e distanciamento dos indivíduos. A tentativa de adaptação aos novos padrões de convívio social não mais condiz com o dia a dia do trabalho, do lazer, das rotinas domésticas, entre outros afazeres. Junto a isso milhares de pessoas vivem a insegurança do desemprego e da instabilidade econômica que ficou mais agravada na conjuntura do governo atual. Ainda sob esse cenário pandêmico, grupos de extrema direita, favorável ao governo de Bolsonaro, manifestam-se em hostis protestos contra a democracia e Constituição Brasileira, nos mostrando uma realidade fascista *recalcada*, para usarmos aqui um termo freudiano, desde primórdios da ditadura militar. Paralelamente, grupos contra o governo também começaram a tomar as ruas, em atos contra o descaso político com os diversos setores da saúde, da educação, da economia, das políticas de identidade e afirmações de minorias, entre outras pautas.

Os meses entre maio e julho de 2020 foi, desse modo, marcado por essas incertezas, expostos pela situação pandêmica e política experienciada pelos atores sociais brasileiros. Um momento histórico que se processa no fluxo temporal da contemporaneidade e dos infortúnios da relativa quebra do nosso cotidiano que, aparentemente, nos trazia uma sensação de espontaneidade e possibilidades de criação em projetos pessoais e coletivos ao longo prazo.

Não estamos aqui querendo dizer que esta visão, sobretudo por influência de Alfred Schutz, em relação ao mundo cotidiano, seja apenas o da experiência sensível do ator social em suas rotinas e o quanto ele se sente seguro e confortável, mas que neste universo podemos compartilhar e desenvolver *nosso estoque de conhecimento* adquiridos nas relações de aprendizado face a face e que opera, como bem percebeu Alfred Schutz, na orientação das ações

que tomamos rotineiramente de modo intencional.

É essa possibilidade de experiência da vida do ator social no cotidiano que Schutz compreende a realidade múltipla. Ele parte do princípio de que o universo das relações sociais é repleto de significados, símbolos e subjetividades que abarcam, como já falado antes: a religião, os sonhos, as ciências, as fantasias, etc. O que Schutz convencionou chamar de mundos finitos de significados são justamente essas múltiplas realidades que convergem sobre a criação espontânea do ator social no seu mundo cotidiano e na sua ideia pré-definida de senso comum, naturalizando a vida espontânea ao ator social.

Pensando que a sensação momentânea de instabilidade decorrente da pandemia nos tirou, a uns mais e a outros menos, as certezas e verdades de ação reflexiva sobre nossas vontades intencionais, principalmente nos atos espontâneos que objetivamos, conscientemente, sobre escolhas e projetos de curto e longo prazo, bem como na impossibilidade momentaneamente de vivenciarmos, por exemplo, plenamente as sociabilidades e os vínculos sociais ou os momentos de realidades das artes ou das fantasias, podemos considerar, para finalizarmos, que as reflexões de Alfred Schutz não são só importantes para o exercício metodológico e epistemológico das ciências sociais, mas também para compreensão da nossa experiência contemporânea sobre nosso senso comum e nossas múltiplas realidades e escolhas que, infelizmente, parecem ladrilhar caminhos obscuros neste momento incerto do nosso dia a dia.

REFERÊNCIAS

DURKHEIM, Emile. **Sociologia e Filosofia**. São Paulo: Ícone, 1994.

GADAMER, Hans-Georg. **Verdade e método**: traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica. Petrópolis: Vozes, 1997.

HELLER, Agnes. **O cotidiano e a história**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2008.

HUSSERL, Edmund. **Investigações Lógicas**. São Paulo, Abril Cultural. 1975.

HUSSERL, Edmund. **A ideia da fenomenologia**. Lisboa/Rio de Janeiro: Edições 70, 2000.

LACAN, Jacques. **Le séminaire**: livre XIX. Paris: Seuil, 2011.

- LACAN, Jacques. **Nomes-do-Pai**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.
- LACAN, J. Para além do “Princípio de realidade”. In, **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- LACAN, Jacques. Formulações sobre a causalidade psíquica. In, **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998a.
- LEVINE, Donald N. **Visões da tradição sociológica**. Rio de Janeiro: Zahar, 1997
- LEFEBVRE, Henri. **A vida cotidiana no mundo moderno**. São Paulo: Ática, 1991.
- LUCKMANN, Thomas. *Prologo*. In, *Las estructuras del mundo de la vida*. Buenos Aires: Amorrortu Editores, 2001.
- MARTINS, José de Souza. **A sociabilidade do homem simples: cotidiano e história na modernidade anômala**. São Paulo: Contexto, 2010.
- MARTINS, José de Souza. **Uma sociologia da vida cotidiana: ensaios na perspectiva de Florestan Fernandes, Wright Mills e Henri Lefvbre**. São Paulo: Contexto, 2014.
- NIETZSCHE, F. **A gaia ciência**. São Paulo: Cia das Letras, 2001.
- SCHUTZ, Alfred. *Sobre múltiplas realidades*. In, *Revista Brasileira de Sociologia da Emoção - RBSE*. V. 18, Nº 52, Abril de 2019. <http://www.cchla.ufpb.br/rbse/>
- SCHUTZ, Alfred. *A construção significativa do mundo social: Uma introdução à sociologia compreensiva*. Rio de Janeiro: Vozes, 2018.
- SCHUTZ, Alfred e LUCKMANN, Thomas. **Las estructuras del mundo de la vida**. Buenos Aires: Amorrortu Editores, 2001.
- SCHUTZ, Alfred. *Fenomenologia e relações sociais*. Rio de Janeiro: Zahar Editores. 1979.
- SIMMEL, Georg. **Questões fundamentais de sociologia: indivíduo e sociedade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.
- TIRYAKIAN, Edward. *Emile Durkheim*. In, Bottomore, Tom e Nisbet, Robert. **História da análise sociológica**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979
- TIRYAKIAN, Edward. **For Durkheim: essays in historical and cultural sociology**. Surrey/United Kingdom: Ashgate Publishing, 2009.
- WAGNER, Helmut R. *Introdução: a abordagem fenomenológica da sociologia*. In, **Fenomenologia e relações sociais**. Rio de Janeiro: Zahar Editores. 1979.
- WEBER, Max. **Metodologia das ciências sociais**. São Paulo: Editora Cortez, 2000.